

## Sobre uma comemoração

Discordamos de todas as comemorações que infiltrem o ódio no coração dos homens e que contribuam para os povos se desavirem. Modernamente, até os próprios pedagogos discordam da propaganda de sentimentos destrutivos e repulsivos, desenhando-se até, entre eles, uma corrente que, em congressos internacionais, vem reclamando, com inteligência e sinceridade, a supressão do espírito de agressão no ensino da história.

A guerra, sobre ser o maior dos crimes, é, de todos eles, o mais inútil. Nunca, por meio dela, um agrupamento humano conseguiu nobilitar-se; antes acabou por ser vítima dos ódios que desencadeou. A história refere-nos o desaparecimento de grandes impérios formados pelo capricho cruel das batalhas. Onde pára o império de Alexandre da Macedónia? E o império romano, que chegou a abranger quase todo o mundo? Em que ficaram em tempos menos remotos, as famosas conquistas napoleónicas?

A força que cria, engendra sempre a força que a destrói—afirmou Goethe—e a frase desse homem de génio está confirmada pela história, pela história que nos ensina que nada é menos perdoável e mais transitório do que as vitórias obtidas pela violência, sempre grosseira e sempre iníqua.

Os agrupamentos colectivos imortalizaram-se pela ciência dos seus pensadores, pelo génio dos seus artistas e pela glória dos seus filósofos. A Grécia resistiu à poeira fina dos séculos mais pela fama dos seus Socrates e dos seus Aristóteles do que pelas suas façanhas guerreiras. Arquimedes bastou para eternizar Cartago. Lucrecio e Juvenal contribuíram mais para a glória de Roma do que o génio guerreiro de Júlio César. Dos pensadores, dos sábios e dos artistas, ficou a sua obra conservada por todas as gerações inalteravelmente, provocando, ainda hoje, após tantos séculos, uma admiração, enternecida e ilimitada. E dos grandes impérios criados pela força, pela força das guerras e das rapinas, o que resta? Nada.

Dos prejuízos das guerras falam eloquentemente os milhões de mortos a elas imolados, as ruínas e as destruições que originaram. Da sua espantosa inutilidade fala bem alto e eloquentemente, a última conflagração mundial.

Desencadeada por rivalidades de grupos capitalistas, rivalidades que são a consequência lógica dum sistema económico antagónico e nocivo aos interesses humanos, os próprios vencedores, empurrados pelo força implacável das circunstâncias, tiveram de auxiliar os vencidos, depois de terem reconhecido que seria impossível e até mesmo contrário aos seus interesses, esmagá-los. O abraço trocado, em Locarno, entre Briand, representando o capitalismo francês, e Stresemann, o capitalismo alemão, abraço que foi o início duma reconciliação, presta-se a longas meditações. Em toda a França e em toda a Alemanha, esses dois povos que não são acéfalos, devem ter perguntado à sua própria consciência para que se trucidaram na mais incruenta das guerras, se a paz era uma condição indispensável à vida dessas duas nações. Devem ainda ter perguntado porque razão chamaram os políticos franceses bárbaros aos alemães e os políticos alemães apátridas aos franceses de 1914 se, afinal, em 1922 em Locarno dois representantes desses países se abraçavam e se afirmavam muito honrados com a sua amizade!

Dessas meditações devem ter chegado ao convencimento de que a vida moderna é incompatível com as guerras e que a civilização evoluciona para formas contrárias aos interesses capitalistas e se marcha para a unidade humana. Contra essa tendência irresistível que une, acima das fronteiras comerciais das pátrias, nos mesmos sentimentos, nos mesmos interesses e nas mesmas aspirações o povo único que através de todo o mundo trabalha e sofre, nenhum poder conseguirá elevar-se. Não há crime capaz de impedir a realização do mais nobre, do mais fecundo e do mais alto ideal humano: a paz universal!

## A semana da criança

vai efectuar-se em todo o país na segunda quinzena de Maio

Na segunda quinzena de Maio próximo vai realizar-se em todo o país, pela terceira vez, a «Semana da Criança», interessante empreendimento educativo iniciado há dois anos entre nós pela Associação dos Professores de Portugal e que será levado a efeito pela «Liga de Acção Educativa», organismo que a realizou no ano passado e ao qual, em sessão pública efectuada em Maio do ano findo na Sociedade de Geografia, foi incumbido o encargo da comemoração anual da «Semana».

A convite da «Liga de Acção Educativa» reuniram os elementos por ela convidados para constituírem as Comissões Central e Realizadora em Lisboa, as quais ficaram assim constituídas:

**Comissão Central:** Dr. António Sérgio, Alexandre Ferreira, Dr. José de Magalhães, professores D. Judite Vieira, Manuel da Silva, Acácio de Gouveia (Pela União dos Professores Primários) e Alvaro de Carvalho (pela Associação dos Professores de Portugal); Eurico de Sena Cardoso e Dr. Campos Lima (pelo Sindicato dos Profissionais de Imprensa).

**Comissão de Lisboa:** Dr. António Sérgio, Eurico de Sena Cardoso, professores D. Judite Parente da Silva, D. Beatriz Magalhães, D. Cecília Gonçalves, Alvaro de Carvalho, António Maria da Conceição Junior, Ernesto Coelho e Alfredo Ramos Gil, inspector Brito Morêno, Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa, Sociedade a «Voz do Operário», António Melimelo e Manuel Tristão Lopes da Silva, tendo sido convidadas a fazer parte desta Comissão a Câmara Municipal de Lisboa e a Junta Geral do distrito.

A Comissão Central fica instalada na Sede da Liga de Acção Educativa, Rua da Madalena n.º 225-1.º e a Realizadora na Sede do Conselho Central das Juntas de Freguesia, na Rua da Mouraria, edifício do Amparo.

A Comissão Central vai distribuir profusamente por todas as escolas, asilos, internatos e organismos educativos de todo o país, bem como pela imprensa, circulars expondo os fins que o empreendimento «Semana da Criança» pretende alcançar e contendo as necessárias instruções.

Ao que nos consta, pretende-se e trabalha-se activamente, para que as manifestações da «Semana da Criança» revistam este ano grande brilhantismo, chamando assim sobre as crianças as atenções dos pais, dos educadores e do público em geral.

## Notas & Comentários

### Propriedade nacional

A miss Portugal, na sua viagem para o Pôrto, sofreu vários incidentes, com os quais, a-pesar da nossa discordância dos concursos de beleza e das exhibições a que elles dão lugar, não nos regosijamos.

Em Coimbra, exigiram a rapariga em altos gritos e, como a negassem, houve um estudante que teve esta frase lapidar, bastante aplaudida:

— A miss é propriedade nacional. Esta bárbara frase afirma o direito dela pertencer à curiosidade lúbrica, ao comentário obscuro e ao contacto brutal de todas as sordidas bestas que expandem, sob as exteriorizações mais grosseiras, a sensualidade aprendida nos alcances. De certo que o estudante deve ver algum desses integralistas que protestam contra a socialização das mulheres na Rússia, socialização que nunca passou duma patranha, tanto mais que naquele país não se fazem concursos de beleza...

### Ainda a "miss"

No Pôrto, essa rapariga, arvorada, de entre as duzentas que tomaram parte no concurso, em tipo máximo da beleza física, teve de esconder-se na carruagem em que viajara, para evitar certas constatações experimentais.

Todos os trucs para a ocultarem resultaram inúteis e, a-pesar dos sabres policiais terem saído das suas negras batinas, foi tido bem tratada que, além de lhe terem despedaçado o vestido e os sapatos, chegou, devido às brutalidades recebidas, a perder os sentidos.

Em face de tudo isto, só nos resta esperar que se multipliquem os concursos de beleza, que, como se vê, contribuem bastante para dignificar a mulher e moralizar os costumes.

### «Novos ricos»

«Novos ricos» é o título do último romance do conhecido escritor José de Faria Machado. Trata-se duma charge a essa farsa pitoresca e endinheirada que se criou durante e após a guerra, graças a toda a espécie de transacções e ao suor, miseravelmente explorado, e ao sangue, inutilmente vertido, dos humildes.

O sr. José Faria Machado analisou, no seu romance, alguns desses tipos vampiros, que arrastam uma vida opulenta, entre o mal disfarçado desdém das pessoas de bom gosto e as contumélies dos subversivos.

A edição dos «Novos ricos» é da Livraria Illustração, do Porto.

### Um conselho

A «Ideia Nacional» não gostou de lhe termos recordado, agora que ela «apoia» a república em nome do Interesse Nacional, a maneira como no decembrismo se comportaram, larapindo lugares chorados, espantando covardemente adversários e indo para Monsanto, desfraldar o simbólico trapo da monarquia constitucional. E, fugindo ao embaraço da resposta, classificou os três factos apontados de três chiacarrices sem categoria.

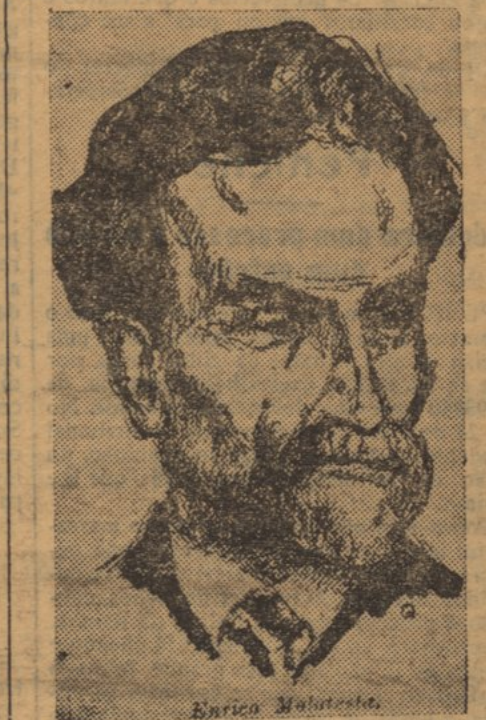
Chiacarrices, não, mas pulhices talvez... e quanto a categoria, de acordo. Nenhum dos factos que apontámos a revelar. Quanto ao facto de usarem como resposta o que nós consideramos o rubro da sua mesquada

## Errico Malatesta

O admirado doutrinário anarquista vive em Itália sob um regime de liberdade condicional

O nome de Malatesta é escutado com a mais funda e entusiástica simpatia, tanto pelo proletariado revolucionário como pelas falanges anarquistas. A própria burguesia encara a extraordinária personalidade do inquebrantável e fervoroso propugnador do ideal anarquista. Malatesta constitui, pela sua vida de militante cheia de abnegação e heroísmo e pela sua activa envergadura mental, um formidável e raríssimo exemplo de consciência anarquista e revolucionária.

Sob o regime fascista, Malatesta era um dos inimigos mais populeados. Embora impedido de desenvolver o seu humano apostolado, o notável doutrinário anarquista desfrutava de uma consideração especial, cuja maior regalia era a de não ser encarcerado. Felizmente para a alma de lutador que palpita em Malatesta, a idade, que nele resultava apenas um profundo cansaço fisiológico,



Errico Malatesta

co, a atitude das autoridades fascistas era regularmente atendida.

A propósito do atentado contra Mussolini, cometido pelo jovem anarquista Gino Lucetti, a repressão fascista não poupou Malatesta, que também foi encarcerado. Foi depois libertado, mas a sua liberdade é de tal modo restrita que parece mais um encarceramento em vasto recinto.

As autoridades insinuaram a Malatesta a «conveniência» de abandonar a Itália. O grande anarquista, porém, se quisesse sair de Itália, não poderia. Aos inconvenientes da sua avançada idade, junta-se a sua fama mundial. Nenhum país, provavelmente, consentiria-lhe muito tempo; por isso, vê-se obrigado a permanecer em Itália, quasi só, em meio das ruínas de um gigantesco edifício, como um símbolo ou uma bandeira.

A um seu amigo, residente em França, escreveu Malatesta acerca da situação em que se encontra. Lia-se em uma das passagens da sua carta:

«Cada vez mais apertada a vigilância em minha volta. Há pouco verifiquei que se deu ordem ao agente de, se eu tomar qualquer automóvel, impor ao chauffeur que o conduza ao seu lado; se vou a casa de alguém, o agente também deve entrar comigo e, que o dono da casa se oponha, seja igualmente impedida a minha entrada.»

O militante anarquista Luís Bertoni, actualmente em Génova, recebeu outra carta de Malatesta. Assim descreve o generoso revolucionário a sua existência na actualidade:

«Estive três semanas de cama, com fortes dores nas costas, mas estou quasi bom. Não posso, no entanto, completar a minha cura, porque a policia exerce uma vigilância rigorosa. Dia e noite os agentes rondam-me a porta. Nem sequer dissimulam, agora; dizem-me sem rodeios que têm ordem de não me perderem de vista. Se não são, batem-me à porta, invocando motivos mais fúteis, apenas para verificarem se estou em casa. Se são, seguem-me muito de perto, a toda a parte; e se alguém vem a minha casa ou se aproxima de mim, na rua, prendem-no e exigem-lhe papeis de identidade.»

Vê-se que Malatesta infunde extraordinário respeito aos seus adversários, e assim se explica que, em vez de uma infundável clausura, lhe proporcionem uma liberdade puramente convencional...

dialectica aconselhamos-lhe a não fazer dele um uso imoderado... imoderado e integral...

### O preço do 9 de Abril

Do relatório do general Gomes da Costa sobre a batalha de La Lys transcreve-se esta solene e terrível passagem:

«Mas a essa hora, já a 2.ª divisão portuguesa estava, praticamente, fora de combate, tendo perdido cerca de 1/3 do seu efectivo—7500 homens.»

### Coerência!

Da «Situação» transcrevemos, integralmente, a seguinte local:

«Do Fascio Italiano de Lisboa, recebemos um penhorante officio, no qual se inserem amáveis referências a este jornal e à colaboração do nosso prezado correspondente em Roma, sr. Guido Puccio, que em «A Situação» vem fazendo, com brilhantismo, a análise detalhada do movimento nacional fascista italiano.»

Que culpa temos nós de que aquele jornal nos forneça uma prova tão retumbante da razão que assiste às nossas observações sobre a sua flagrante incoerência? Jaramo-lo: nós desejávamos que ele se compromettesse d'esse modo.

## ASSISTENCIA A'S GRAVIDAS

### vão concluir-se as obras da Maternidade Dr. Alfredo Costa, iniciadas há treze anos

A Maternidade Dr. Alfredo Costa é aquele edificio que desde Agosto de 1914 se encontra em construção à entrada da Avenida 5 de Outubro. Destinava-se, como o seu nome indica, a prestar às grávidas e aos recém-nascidos a assistência necessária.

A Maternidade figura na galeria das obras de Santa Engrácia, designação por que são conhecidas, em linguagem indigena, as obras que nunca mais têm fim. Assim parece, iniciada há cerca de treze anos as obras da Maternidade, na maior parte do tempo tem estado paralisadas por falta de verba.

E' justo salientar, sem intuitos louvaminheiros, que o dr. Augusto Monjardino, presidente da comissão administrativa dessa obra, tem empenhado os melhores esforços para que esse trabalho se conclua. E para isso bastava que lhe fôsem entregues 1500 contos, que faltam para as despesas a fazer.

Faltando há tempo com aquele médico foi-nos garantido por ele que um ano e meio depois de lhe entregarem essa verba a Maternidade Dr. Alfredo Costa estará concluída.

Pois bem. Um anónimo fez há dias a entrega ao dr. Monjardino de 1500 contos em bilhetes do tesouro. Este gesto, além de merecer os mais rasgados encomios, rompeu a densa nuvem que há muitos anos cobria os tapumes daquela obra. Dentro de um ano e meio, o máximo dois anos, o estabelecimento estará concluído. Se o não fôr, agora, não poderá dizer-se que é por falta de verba.

Mas a Maternidade é alguma grande obra de assistência pública? E' o que vamos ver.

Presentemente é o hospital de São José que recolhe as grávidas. A assistência que ali se presta a essas enfermas é insignificante. A doente é arremçada para uma enfermaria, por sinal das piores que há em São José, e ali tem o seu filho. Poucos dias depois da delivrance a parturiente tem que sair, e o recém-nascido fica à mercê do Destino.

Nem mais um leve auxílio.

A Maternidade Dr. Alfredo Costa em matéria de assistência vai mais longe, segundo nos garantiu o dr. Augusto Monjardino.

Cria mesmo alguns princípios novos, desconhecidos entre nós, como seja a assistência domiciliária. Quanto à assistência às grávidas e aos recém-nascidos é ela digna de elogio.

A assistência domiciliária é prestada da seguinte forma: a Maternidade organiza e mantém um corpo de fiscalização que percorrerá todos os bairros inquirindo do número de grávidas que precisam ser auxiliadas pela Maternidade. Quando faltarem um mês para o parto as grávidas serão transportadas num carro-ambulância, formado por material cirurgico, um médico e uma parteira, à Maternidade e ali aguardará a feliz hora.

Se o seu estado obrigasse a uma rápida intervenção do médico ou da parteira e a casa tivesse condições a doente seria imediatamente assistida.

Depois a Maternidade tem também como função prestar a devida assistência aos recém-nascidos naquele estabelecimento até completarem um ano da idade. Mãe e filho permaneceriam ali até um ano depois do parto. Aqui terminava a função da Maternidade.

A capacidade deste estabelecimento permite o internamento de 300 grávidas. As suas instalações são o que há de melhor no género. Arejadas, amplas, frescas e construídas sob as indicações dos melhores especialistas na clinica obstétrica, oferecem essas instalações grande comodidade para as doentes.

Será desta vez que o grande sonho da conclusão das obras da Maternidade Dr. Alfredo Costa será um facto? O Nisso confiamos, visto já haver a verba necessária para tal.

## O NOSSO REAPARECIMENTO

### A «Batalha» continua a ser entusiasticamente saudada

Continuam chegando à nossa redacção, de todos os pontos do país, as mais entusiásticas saudações à «Batalha» pelo seu reaparecimento, como se verifica pelo que a seguir publicamos.

O Sindicato Unico da Construção Civil de Caminha saudou o muito estimado jornal A «Batalha», porta-voz da organização operária portuguesa, pelo seu reaparecimento, saudando igualmente todo o pessoal da redacção—Pela comissão administrativa—O secretário geral, João dos Reis Madeira.

LAMEGO, 4.—Eu vos saúdo e bem assim todos aqueles que trabalham em A «Batalha», regosiando pelo reaparecimento do nosso orão na imprensa.

Faço votos ardentes pela continuação heroica e desassomborada do nosso querido jornal, que se até hoje tem sido preciso, de hoje para o futuro mais necessário é.—C.

Recebemos o seguinte officio:

«Sauda efusivamente o jornal A «Batalha» pelo seu reaparecimento, e faz votos por que continue a marcar cada vez mais acentuadamente a tendência libertária, que lhe tem sido sempre determinada em todos os congressos operários, e a única que será capaz de conduzir os trabalhadores a sua emancipação integral.—Federação Anarquista Regio do Centro.

A todos os nossos agradecimentos.

## AS CASAS DE «PREGO»

### Os prestamistas mudam de atitude afim de saírem de uma situação triste que só à sua teimosia se deve

Metade da partida está ganha. Os penhoristas, ante a lógica de ferro da nossa argumentação e a atitude decidida das vítimas, arrepiam caminho. Principiam por ceder uma polegada depois um palmo e a seguir um metro do terreno conquistado. Mas ainda não foi tudo. E' mister obrigá-los a abandonar o sector onde há muitos anos abusivamente se encontram instalados.

Já ontem dissemos que os prestamistas, nos seus comunicados, annunciam o leilão dos objectos em atraso de mais de três meses do juro. Houve uma transigência destes cavalheiros em relação aos avisos afixados nas suas casas, que fixavam um prazo curto para o leilão dos objectos não resgatados.

Pela lei, toda a gente sabia que os objectos depositados não podem ser leiloados com menos de três meses de atraso no pagamento do juro. Mas como essa camarilha vive à margem da lei era natural que tal atitude se verificasse. Não gozam esses malandrins do privilégio de viver à custa da miséria humana? Não seria, pois, de estranhar que os pobres mutuários ficassem sem os seus haveres mesmo contra o disposto na lei.

A ameaça do despedimento dos empregados das casas de penhores vai também dissipando-se. O pessoal, em virtude da atitude dos seus patrões, ganha confiança. Tudo indica que os despedimentos já não se fazem.

Mas há mais. A luta contra o decreto por parte dos penhoristas diminui de intensidade. Os processos violentos de luta começam a ser postos de parte.

Imediatamente ao aparecimento do regulamento ao decreto todos os penhoristas, indistintamente, resolveram não fazer mais empréstimos. Do que viviam eles então? Apenas do resgate dos objectos. Não emprestavam. Recebiam apenas as importâncias emprestadas e os juros dos objectos depositados.

A situação modifica-se. Há já uma casa de «prego» que faz empréstimos cobrando o juro fixado pelo recente decreto. Isto é 2 % no ouro e 3 % nas roupas. Onde é essa casa? Vamos dizer ao leitor, sem intuitos de reclame, pois, como é do conhecimento público, A «Batalha» há muito tempo que está no índice dos penhoristas. Esse estabelecimento é a Casa de Penhores Cunha, rua de São Paulo, 152.

O proprietário desta casa, reconhecendo a semrazão dos seus colegas, resolveu romper a solidariedade que o ligava a eles. Há alguns dias que se transacciona no seu estabelecimento sem o receio de que elle feche.

Preguntamos: se esse penhorista, que nem sequer temos o mau gosto de conhecer, pode viver com o juro da lei, porque se obstinam os seus colegas em combater a

limitação de juros? Não terá este comerciante os mesmos encargos que os outros penhoristas?

Parece-nos que sim. Se os juros fixados fossem exiguos de forma a asfixiarem a existência deste ramo de negocio não nos parece que o penhorista Cunha continuasse com o estabelecimento aberto. Sim, porque não acreditamos que haja um comerciante que tenha prazer em perder dinheiro no seu negocio, que viva do ar ou do vento...

Longo a atitude dos penhoristas é indefensável, merecedora do nosso mais vivo desprezo.

Não fica, porém, por aqui a transigência dos prestamistas. Metidos num bécio sem saída, onde a sua teimosia os conduziu, estudam os agiolas a melhor maneira de sair da rascada, visto já estarem convencidos da inutilidade dos seus esforços.

Verificamos que não poderão vender os objectos que adquiriram nos leilões, esses objectos que eles compram por dez e vendem por cem. E depois de grandes cogitações encontraram a plataforma, segundo nos segredam pessoas que conhecem bem as intenções desses usurários: dividem a casa em dois ramos de negocio: penhores e ourivesaria ou antiquidade.

Por um lado fazem empréstimos sobre penhores. Por outro vendem o que os seus emissários vão comprar aos leilões. Simples questão de método...

E' verdade que isso importa novos impostos e novas contribuições. Mas que importância tem isso? Não é o consumidor quem todo lo paga?

Eis um pouco do muito que nas últimas vinte e quatro horas conseguimos apurar e que prova as nobres intenções dos bondosos penhoristas.

A Associação de Classe dos Caixeiros, na pessoa de Dário Novoa, riposta ao nosso artigo de sexta-feira, num novo officio que nos enviou e a que ontem fizemos referência.

Em síntese diz esse artigo que a associação referida não fez a defesa da existência dos prestamistas, mas sim «desejava que se suavizassem certas arestas contundentes do regulamento ou decreto prestamista».

A representação daquele organismo entregue ao ministro das Finanças não oferece dúvidas. E' bem claro e diz bem das intenções do signatário.

Comentámos essa representação nos devidos termos. Dissemos qual deveria ser a atitude da Associação dos Caixeiros. Nada temos que rectificar ao que escrevemos.

Ao invés, apenas reforçamos as nossas afirmações: «lamentamos que a Associação dos Caixeiros tenha uma visão tão pouco clara da sua função a ponto de, para defender os empregados, ter que defender esses objectos prestamistas.

E eis tudo.

## A SITUAÇÃO NA CHINA

### O estado de espirito das classes operárias

Xangai, Março (Particular).—O Kuo-Ming-Jang triunfa em todo o sul e sudoeste da China. A sua força militar é poderosa, aumentando também o seu poder e a sua autoridade. Ao mesmo tempo, difunde a propaganda pelo voto.

Invocando a revolução nacional, o Kuo-Ming-Jang está organizando numerosos exercitos, com o fim de combater o governo do Norte e o capitalismo estrangeiro, os quais, por sua vez, procuram suprimir o Kuo-Ming-Jang, para reconquistar o domínio na China.

A situação económica, política e militar mudou sensivelmente. Primeiramente, a Inglaterra, os Estados Unidos e o Japão invadiram o território chinês, vindo depois de outras nações com os seus exercitos. Todavia, o esforço dos estrangeiros é inútil: o seu poder extingui-se há com o triunfo inevitável da vontade popular.

A opressão estrangeira motiva a concordância popular com o Kuo-Ming-Jang, cujas vitórias aplainam através da China e fundam uma ditadura política nacionalista. Este resultado é necessário para que o capitalismo estrangeiro seja expulso. Graças ao concurso do Kuo-Ming-Jang, a classe trabalhadora possui formidáveis organizações e constitue um exercito mais do que regular.

E' certo que o Kuo-Ming-Jang será um sustentáculo do capitalismo da China, por isso o seu domínio será bastante duro. Mas importa que o capitalismo estrangeiro seja aniquilado; depois, prosseguirá a luta entre o capitalismo nacionalista da China e o proletariado chinês.

A revolução na China deve ser «social», pois, o proletariado, sob a inspiração anarquista, virá a dar batalha ao poder económico e político.

Efectivamente, o trabalhador chinês ainda não despertou. O Kuo-Ming-Jang tem seguido uma politica astuta, de apreciáveis resultados para o seu triunfo e para a consolidação do seu poder.

Em face das circunstâncias, os elementos anarquistas fazem a maior propaganda no sentido de que a massa popular compreenda o verdadeiro caminho da sua emancipação.

Uma organização anarquista, a Federação da Luta Popular, fez publicar a seguinte declaração:

«Durante o mês, os exercitos e os navios de guerra da Inglaterra, dos Estados Uni-

dos, do Japão, da Itália, etc., vieram para combater o novo poder popular da China. Por esse motivo, o comité executivo da Luta Popular declara ao proletariado chinês, como aos trabalhadores de todo o mundo, especialmente aos das nações citadas, o seguinte:

«Pela justiça, pela paz, pela solidariedade, contra o imperialismo capitalista internacional! Nem os imperialistas ingleses, norte-americanos, italianos e outros, enviando exercitos e barcos de guerra para combater o povo chinês. Os imperialistas empregam o seu selvático poder militar e a sua diplomacia para invadirem o nosso território e imporem a sua exploração ao povo. São eles que ajudam a manter a guerra civil, vendendo armas e munições aos generais chineses.

«Em Xangai, Kuantung, Hankow, Chinking, Tien-Tching, Wank-Sien, em toda a provincia de Hupek, exterminam o povo com fuzilamentos. Não há justiça e nada pode deter a sua brutalidade! Querem avidamente colonizar a China com a força dos exercitos.

«O perigo é grande. Nós, anarquistas, sabemos conduzir o proletariado à luta contra o imperialismo internacional. Ao proletariado de todo o mundo solicitamos a necessária ajuda. Comuniquem-se aos povos a verdadeira situação da China, para que se realize o protesto contra a exploração internacional».

LU CHIEN BO

### O desafio à Russia

Uma conjura para arrastar os soviéticos a uma guerra

TOKIO, 9.—Afirma-se nesta cidade que 4000 homens de forças regulares soviéticas se infiltraram em Harbin, na Manchuria, e que o contrabando de armas da Sibéria para a China é cada vez mais activo. Notícias de Mukden dizem ser cada vez maior o receio de que o marechal Tchang-Tso-Lin se apodere do caminho de ferro do leste chinês, a-fim-de incitar a Russia a tomar represalias, envolvendo assim o Japão no conflito chinês.

Vai fazer-se o exodo dos russos

COPENHAGUE, 9.—Segundo o Berlinsketidende os soviéticos comunicaram aos



seus agentes na China que deviam estar prontos para sair do território chinês logo que recebam instruções nesse sentido.—L.

#### Protestos diplomáticos

PEQUIM, 9.—Em consequência da busca de paz na embaixada soviética e do desenvolvimento que o caso pode ter, o sr. Wellington Koo deliberou continuar à frente do governo chinês do norte.—L.

MOSCÚ, 9.—O embaixador dos soviéticos em Pequim protestou contra as recentes buscas à sede da embaixada.—L.

PEQUIM, 9.—O corpo diplomático protestou perante as autoridades de Pequim contra a invasão da embaixada russa, por exceder a licença dada.—L.

XANGAI, 9.—O sr. Shipy protestou perante o corpo consular de Xangai contra as buscas e o cerco feito ao consulado russo.—L.

#### A guerra imperialista

Em Xangai a situação é crítica

XANGAI, 9.—A situação continua a ser muito crítica. Os marinheiros japoneses e ingleses têm vindo fazendo fogo por vez. Têm sido publicados manifestos incitando os soldados estrangeiros a revoltar-se contra os seus superiores.—L.

#### Os maus prenúncios

PEQUIM, 9.—Os japoneses evacuaram Xangai, os ingleses abandonaram todos os pontos além de Hongkong fazendo outro tanto os americanos.—L.

PEQUIM, 9.—Os ministros de França, Inglaterra, Estados Unidos, Japão e Itália redigiram uma nota conjunta sobre os incidentes de Nanquim.—L.

BREST, 9.—Os cruzadores «Primusnet» e «Sloop» receberam ordem de partir para o extremo Oriente.—L.

#### Diversos episódios

Perseguição a comunistas franceses

PARIS, 9.—Dois comunistas membros do parlamento vão ser processados pela sua acção a favor do bolchevismo na China e pela sua agitação anti-europeia. São eles o sr. Doriot, acusado de conspirar contra a segurança do Estado, incitando os indígenas da Índia-China a levantar-se contra a França, e Cousturier, director do jornal «L'Humanité», por incitar os soldados e marinheiros a revoltar-se.—L.

#### Os cantonenses querem um empréstimo

XANGAI, 9.—Shiang-Kai-Sheek está em negociações com a Câmara de comércio chinesa para um empréstimo de 15 milhões de dólares. As condições impostas pela Câmara são as seguintes: desligar-se completamente o governo de Cantão dos comunistas; interromper a guerra para facilitar negociações com o governo do norte; substituir Chen e nomear o ministro dos estrangeiros capaz de estabelecer relações justas com os gabinetes estrangeiros.—L.

#### O que dizem alemães

BERLIM, 9.—O sr. Stresemann declarou no Reichstag, respondendo à interpelação de um comunista sobre a situação na China, que por ocasião do assalto à embaixada da Rússia, a Alemanha não foi informada da acção da polícia. O governo, terminou o ministro dos negócios estrangeiros, não pode ainda julgar, sob o ponto de vista jurídico, do sucedido, mas tem desde já o direito de concorrer para o esclarecimento do assunto.—(Lusitânia).

## ECOS DA REVOLUÇÃO

#### Foram postos em liberdade alguns presos do Porto

PORTO, 8.—Embora em lesmático passo, a polícia de defesa social que se encontra nesta cidade sempre se vai resolvendo a fazer justiça a algumas vítimas que foram detidas apenas por mero cálculo de suspeita. Após uma boa soma de tormentos dias de encarceramento injustificável, visto que a clausura sem culpabilidade perfeitamente definida é sempre uma tortura arcaica, acabaram por ser restituídos à liberdade os camaradas António de Carvalho, Manuel Ferreira Torres, José Martinho, António Manuel Ferreira da Silva e António Alves Pereira.

Os dois últimos cometeram a delinquência de terem os seus nomes no cabeçalho do jornal «A Comuna», periódico que esteve sempre à luz clara da legislação da imprensa antes e depois de 28 de Maio de 1926, e possuíam o seu próprio raciocínio teórico harmónico de fundição social no terreno progressivo das doutrinas, visto que há quem possa livremente arcar com princípios de transformação social no sentido duma calamitosa regressão às fúnebres situações de predominio da Idade Média, senão às dos tempos pre-mediavaes...

Se atendermos a que o camarada António José de Almeida, hóspede da Penitenciaría sem ter de que se penitenciar, incorreu precisamente no mesmo crime dos dois apontados, alguma-se nos logicamente e implicitamente indicada a sua imediata soltura, visto que sobre um mesmo caso jurídico não pode haver duas atitudes diferentes. Isto, porém, fica a cargo da consciência e da justiça das respectivas autoridades da capital, ao serviço do ministério do Interior, tolerante e pacifista segundo declarações políticas.

Quanto aos primeiros, os seus crimes estavam e estão no facto de pensarem também livremente, sem, contudo, serem alguns arazas montanhas. E como nesta igualdade de circunstâncias de livre pensamento inofensivo estão muitos outros presos, e entre eles o nosso amigo José Rodrigues Reboredo, também na Penitenciaría, cremos ser de boa moral forense e de excelente compreensão das afirmações feitas pelos altos poderes do Estado militar, a irrefragável e pronta liberdade dos perseguidos por excesso de zelo policial.

Preocupar-se há esta rajada de bom senso?

Vederemo...—C.

#### Mais uma prisão em Coimbra

Ontem à noite recebemos o seguinte telegrama:

COIMBRA, 9, às 19,15 horas.—Irmão Roberto preso.

N. da R. — Trata-se da prisão do irmão do nosso camarada Roberto das Neves, estudante de Letras, que daquela cidade veio preso há semanas para Lisboa e aqui foi posto em liberdade. Roberto das Neves foi detido por uma vingança do Comissário da Polícia, em virtude de umas referências feitas na Batalha por aquele nosso amigo, embora o pretexto da captura fosse o aparecimento em Coimbra de uns manifestos contra o governo.

A prisão de agora, deve ser determinada pelo mesmo sentimento.

## TIVOLI

MATINÉE às 15 horas

SOIRÉE às 21 horas

Última exibição

Uma obra prima de cinematografia dinamarquesa

## AMO E SENHOR

Comédia sentimental, em seis partes, com

John Meyer—Astrid Holm—

Matilde Nielsen

Realização de Carl Dreyer

## O medroso valente

Comédia de aventuras, em 7 partes, com

Douglas Fairbanks

## NO JAPÃO

(Documentário)

UMA CINÉ FARÇA

REVISTA MUNDIAL

Orquestra sob a direcção do maestro

NICOLINO MILANO

AMANHÃ:

A FERA DO MAR

com John Barrymore

## SANIDADE PÚBLICA

## Uma importante circular

— DA —

## Direcção Geral de Saúde

IX—Profilaxia da raiva

São as Câmaras obrigadas ao registo de todos os cães e sua revalidação anual; compete aos sub-inspectores verificar se essa obrigação rigorosamente se cumpre e comunicar à Direcção Geral as faltas encontradas.

A postura camarária sobre policia sanitária dos cães mencionada, além da obrigatoriedade do registo e da sua revalidação, as seguintes prescrições:

1.º É obrigatório o uso de coleira com chapa metálica, tendo gravada a designação do concelho e o número do registo.

2.º É proibido o uso de cães na via pública, quer soltos, quer conduzidos à mão, sem andarem devidamente e suficientemente algemados.

3.º Os donos de cães são obrigados a participar à autoridade sanitária a existência de qualquer caso suspeito ou averiguado de raiva nos animais de que são possuidores.

4.º A penalidade a que ficam sujeitos os infractores, e que consistirá no sequestro do animal (o qual será abatido se o proprietário o não vier recolher, pagando as despesas do cemitério), e na multa de 300\$ para o Estado, além da que a Câmara fixar na postura como receita sua.

5.º A obrigação de entrega no canil municipal de todos os animais domésticos mordidos por animal raivoso ou suspeito de raiva, para observação.

O sub-inspector de saúde zelará a perfeita execução deste serviço, para o qual a Câmara estará provida de um canil suficiente, e manter, no interesse dos municípios e no interesse do seu cofre, pois que arrecada as respectivas taxas, e evitará a despesa com o transporte e tratamento dos indivíduos mordidos, a que é obrigada pelo artigo 37.º do decreto n.º 12477. Para cumprimento desta obrigação, convirá ter sempre em cofre a importância bastante para socorrer dez mordidos.

Ao sub-inspector de saúde compete diligenciar que de pronto os indivíduos mordidos por animais raivosos, ou suspeitos de raiva, se dirijam a um dos três estabelecimentos anti-rábicos: Instituto de Câmara Pestana (em Lisboa), Instituto Anti-rábico de Coimbra, ou Instituto Pasteur do Porto, sendo preferível, por conveniência económica, o mais próximo.

O sub-inspector de saúde deve arquivar o movimento de registo dos cães e dos indivíduos enviados a tratamento, colhendo os elementos respectivos na secretaria da Câmara, que lhes deve fornecer com regularidade.

#### X—Registo dos serviços médicos

Em cada Sub-inspecção de saúde será organizado o registo dos profissionais da arte de curar, com os dados colhidos dos livros que as autoridades administrativas para tal possuem e que entregarão aos sub-inspectores (artigo 18.º do decreto n.º 13-166). Os profissionais já registados não têm de pagar a taxa de 25\$ exigida pelo artigo 33.º do decreto n.º 12477. O registo assim formado deve actualizar-se, inserindo-se os profissionais que nele não estiverem inscritos. Os profissionais a registar são: médicos, dentistas, farmacêuticos e parteiras.

Dos exames médicos que o sub-inspector efectuará regista em livro essencial, consignando o nome do examinado, data e resultado do exame, e fim para que se fez (emigração, funções pública, etc.). No atestado respectivo, além do antigo selo fiscal de 15\$ terá de colar-se o selo de 10\$ (artigo 35.º do decreto n.º 12477).

Junto a cópia do ofício que foi enviada à Câmara desse concelho, em conformidade com as indicações da presente circular.

Saúde e Fraternidade.—O director geral, Ricardo Jorge.

## OS QUE MORREM

José Maria Mangas

No hospital de São José, faleceu na preterita quinta-feira o operário marceneiro José Maria Mangas, vítima de estilhaços de granada que o atingiram numa perna durante a última revolução.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 14 horas, do supracitado hospital para o cemitério do Lumiar.

## SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto

—Hoje, às 21 horas, baile.

## COLISEU

HOJE

ULTIMO DIA

DA EPOCA DE CIRCO 1926-27

A's 15 horas

ULTIMA MATINÉE

em que se exhibe excepcionalmente

a deslumbrante pantomima

## MIL E UMA NOITES

O mais grandioso espectáculo

que se tem realizado em Portugal

A's 21,30 horas

DESPEDIDA

DA

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

Todos os trabalhos do célebre «dresseur»

TRUZZI

que, além das «Mil e Uma Noites», apresentará

os melhores números dos seus soberbos

CAVALOS

actores, bailarinos e jazz-bandistas

Sensacionais atracções

## Lisboa trágica

Um duplo susto

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Francisco Duarte Belo, 45 anos, varredor da C. M. L. residente na rua da Bica Duarte Belo, que foi encontrado, caído, na rua do Machado, em resultado dum ataque. Quando se achava restabelecido deu por falta da sua carteira, não sabendo se foi roubada ou perdida, mas admitindo a primeira suspeita.

#### Queda de uma prancha

No posto da Cruz Vermelha, do Calvário, recebeu curativo e foi para casa, Artur Teixeira, 27 anos, natural e residente no Seixal, marítimo, o qual na doca de Alcântara caiu duma prancha, ficando contuso no joelho esquerdo e corpo.

#### Com o crânio fracturado

A Sala de Observações do hospital de São José, recolheu José Portela Velez, 36 anos, servente, natural de Lisboa, residente na Estrada das Amoreiras, que, sendo violentamente agredido na estrada do Arieiro, sofreu fractura do crânio.

## IMPRENSA

#### «A Situação»

Comunica-nos o nosso colega «A Situação» que, por ordem do sr. ministro do Interior foi suspenso por dois dias por não ter respeitado as normas da comissão de censura.

## LITTERATURA REVOLUCIONARIA

#### EM CASTELHANO

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo. 6500

Cuentos de Itália. 6500

La vida de um Homem innecesario. 6500

Wladimir Korolenko

El Imperio de La Muerte. 6500

Dr. G. Feydoux

La vida tragica de los Trabajadores. 10500

Jean Masestan

La Educacion Sexual. 10500

El matrimonio, el amor libre y la

libre maternidade. 9500

E. Reclus

La Montaña. 6500

El Arroyo. 6000

Octavio Mirbeau

El Calvario. 6500

P. Krapothine

La etica, La revolucion e el Estado. 6500

Luis Fabri

Crítica revolucionaria. 6500

H. Malatesta

Ideário. 6500

F. Dostoyevsky

Los Hermanos Karamazov. 9500

Trostky. — Constitución política

de la Republica dos Sovietes. 550

G. Williams. — O congresso da

Internacional Sindical Vermelha. 1500

C. de G. O. N. M. — Proclamação

consciente. 5500

## LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas

colaboradas por um bom numero de escritores

revolucionarios — Preço. 10500

Pedidos à administração

de A BATALHA

## DESPORTOS

#### FUTEBOL

«Os Gatinhas» contra «Os Macacos»

É hoje que no magnifico campo do Portugal, no Campo Grande, se realiza, entre estes dois grupos, o desafio de futebol para a disputa de uma taça e do bronze «Os Macacos». Será um desafio interessante visto os dois «teams» serem constituídos apenas por elementos menos treinados dos referidos grupos, a pesar de em qualquer deles haver elementos de destaque no meio desportivo. O desafio principia às 9 horas.

#### A água de Andaluz

A comissão de defesa e melhoramentos da água de Andaluz conferenciou com o sr. Garcia, engenheiro municipal, acerca dos trabalhos de transformação do Lago de Andaluz e a construção do novo chafariz.

Em virtude da montagem da nova canalização e limpeza da antiga caldeira deve faltar hoje a água na fonte, pelo que esta comissão previne os seus consumidores.

#### Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: Livraria Renascença, rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

## A BATALHA

na provincia e arredores

Lamego

Melhoramentos locais

Lamego, 7.—Iniciou-se esta semana o calçamento da rotunda da Avenida Guedes Teixeira, trabalho este dum grande valor para o trânsito daquela artéria e que não é pequeno. Há muito que devia estar feito pois era injustificável o estado caótico em que se encontrava o pavimento da referida rotunda. Lamas duma altura espantosa e barrancos largos e fundos assim era o aspecto no inverno e então no verão nuvens de pó se elevavam no espaço. Atacados pelo pó e pelas lamas, os carros e peões tinham que lutar com pericia para atravessar esta rotunda.

Inelutavelmente não é só este local que necessita ser reparado, pois a Avenida 5 de Outubro, Avenida da Boavista, Rua Marquês de Pombal estão no mesmo estado.

Já é do conhecimento do presidente da Câmara Municipal a critica azeida dos habitantes desta cidade contra o apatismo da Câmara no capítulo obras; e assim numa das últimas sessões da Comissão Administrativa ele afirmou que sabia a critica que se fazia à Câmara por não fazer obras, mas para satisfação a estes comentários, afirmou que «não se tem feito obras por que no inverso só apareciam as contas de pagamentos e trabalhos nenhuns se viam».

Estas afirmações mostram bem o amor que este senhor nutre pelo operariado.

Para é de ponto assente que as obras só se devem fazer no verão, pois pode-se explorar melhor as energias do trabalhador. Cremos, se não estamos em erro, que é lei do país o horário de trabalho que estipula a jornada de oito horas.

Mas aqui, terra com foros de respeitadora de leis, não se cumpre aquela que interessa toda a classe de proletários e que tantos e tantos sacrificios custou para a sua conquista.

Desde do amanhecer até ao morrer do dia se trabalha nesta terra sem consideração pelos produtores!—C.

#### Peniche

#### A demora dum processo e a má fé dum patrão

PENICHE, 6.—Em Setembro de 1925 o operário Didaco Lopes apresentou uma queixa contra António da Silva Pires, por este se recusar a pagar-lhe a quantia de 4.093\$40 que lhe devia de ordenados. No dia 24 de Maio do ano passado o tribunal condenou o António a pagar ao queixoso, no prazo de 10 dias, a importância que lhe devia.

Como este não pagasse no prazo marcado foi resolvido que se lhe fizesse uma penhora aos bens, tendo o escrivão do Tribunal dos Arbitros Avidores de Lisboa mandado o processo para as Caldas da Rainha. O processo só em Novembro lá chegou e ameaça de lá não sair com grande prejuizo de Didaco Lopes, que se encontra na miséria, a pesar de todos os esforços feitos e de o Sindicato dos Operários das Conservas se ter envolvido no assunto, em defesa do seu associado.

Estamos informados de que se movem grandes influências políticas no sentido de se retardar a penhora até ao António da Silva Pires praticar o vício de vender o que possui para se eximir ao pagamento do que deve ao operário que ludibrio.

Esta criatura já tem feito outras proezas semelhantes e vale-se de proteções políticas para ficar impune, rindo-se ainda por cima daqueles que ele explora e burla.—(C.).

#### Faro

#### Uma fantochada paga indevidamente pelo público

FARO, 7.—Os leitores de A Batalha que se dão à massada de ler as minhas correspondências conhecem que existe nesta cidade uma praga conhecida pelos «Reis da praça» ou sejam os intermediários da venda do peixe. Estes cavalheiros vivem à barba longa com o que roubam ao público.

A maioria desses sujeitos são muito teimentes a Deus, embora ignorem que na Bíblia há um versículo que diz: «não façais aos outros o que não desejais que te façam». Vem isto a propósito do que observei há dias no mercado do peixe. Quando passava por ali reparei que esses «reis» exigiam cinco e dez tostões, à guisa de imposto, por cada partida de peixe comprada na loja pelos revendedores.

Não me admirem com o facto por que sei de que essa camarilha é capaz. Mas fiquei bastante quando me vieram dizer que esse imposto se destinava a custear as despesas com as festas religiosas a realizar na semana santa.

E' apenas isto, caros leitores. As festas religiosas são pagas por católicos e ateus. E lembarmo-nos de que o Algarve atravessa uma das piores situações económicas!—C.

## MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem no nosso porto os vapores portugueses: «São Miguel», dos Açores e Madeira, com 114 passageiros para Lisboa; alemão «Magdeburg», de Antuérpia, ambos com carga diversa; noruegueses, «Artenis» de Bathurs, com amendoim, em trânsito, «Ciss» de Cardiff, com carvão; alemão «Rolandsek» de Sevilha, carga diversa, lugre francês «S. Christophe», de Bordeaux, em lastro.

Despacharam para sair os vapores alemão «Magdeburg», para Adelaide e Sydney e noruegueses «Artenis», para Oslo, ambos com carga diversa.

## AGREMIACÕES VARIAS

Associação de Classe dos Mestres e operários das Obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais.—Reúne hoje, pelas 15 horas, a assembleia geral na sede da Associação, Travessa do Oleiro 13, para apreciação do decreto com força de lei n.º 13.393, sobre a melhoria de situação dos invalidos, be como da entrada dos operários validos para a Caixa de Reformas do Pessoal das Obras Públicas.

## Jardim Zoológico

Continua hoje a exposição dos animais ultimamente vindos de Africa, sendo a distribuição da comida às feras e à fôca feita na presença do público, bem como o banho de água quente aos elefantes.

## TEATRO APOLO

TELEF. N. 4129









## CRÔNICA DO EXTRANGEIRO

A infiltração capitalista  
na Rússia soviética

Fala-se na imprensa estrangeira de um acordo económico entre a Rússia e a França. É certo que o governo francês e, também, o embaixador soviético em Paris desmentiram formalmente a notícia que tem circulado. Alguns jornais alemães, contudo, mantêm a informação e dão pormenores.

Afirma-se que a comissão franco-russa, nomeada para discutir as dívidas do antigo império dos tsars, assinou já uma acta preliminar do anunciado acordo.

Esse acordo comprometeria a Rússia ao pagamento de uma indemnização de 70 milhões de francos-ouro. Em compensação, a França daria várias garantias financeiras, das quais a principal seria a concessão de créditos muito elevados.

As negociações ainda não chegaram a um resultado definitivo. No entanto, a França concordaria em facilitar um empréstimo de um bilhão de francos-papel. A garantia pedida pelo governo francês é a concessão das fontes petrolíferas de Gromy, cuja exploração constituiria o monopólio de uma sociedade industrial francesa. Obtendo esta concessão, a França realizaria uma economia de dois a três milhões de francos-ouro.

O governo russo não opõe séria argumentação às propostas francesas, mostrando-se os delegados bem predispostos de chegar rapidamente a um acordo definitivo. E a provável realização deste acordo tem sido o assunto vivamente discutido em certos círculos diplomáticos.

O gabinete britânico parece não se conformar com o projectado acordo. A Inglaterra não diminui o seu rancor político e belicoso pela Rússia, e tudo quanto possa proporcionar vantagens económicas ou prestígio político à sua rival é combatido pela diplomacia inglesa com encarnecimento. E diz-se mesmo que as instantes sugestões de Londres mantêm o governo de Paris numa indecisão bem contrária aos desejos dos capitalistas franceses.

Depende-se da política de Paris em face à Rússia que a França procura aproveitar-se do actual isolamento determinado pela hostilidade das potências capitalistas — para ali conquistar uma hegemonia industrial e económica que lhe melhora sensivelmente a situação financeira. O acordo que insistentemente se anuncia, a pesar das reservas — e não desmentidos, propriamente — da diplomacia, deve ter sido inspirado pelas necessidades financeiras da França e pelos interesses económicos da Rússia. Os factos seguintes dão até que ponto é verdadeira a notícia que circulou nos jornais estrangeiros.

As maravilhas do século  
Está realizada a televisão

NOVA YORK, 9. — A televisão a longa distância é hoje um facto consumado.

No laboratório de experiências da companhia dos telefones e telegrafos de Nova York, o correspondente do *Daily Mail* ouviu e viu o sr. Herbert Hoyer, ministro do Comércio, falando em Washington, a 200 milhas de distância.

Viram-se perfeitamente os seus lábios e olhos a mover-se, largar um papel e abandonar o telefone.

O rosto e os encaracolados cabelos da gentil e bela telefonista de Washington foram tão visíveis como o do ministro.

O presidente da companhia, Walter Gifford, falou com o general Carty, vice-presidente.

O segundo disse ao primeiro: — Vejo-o tão bem que lhe posso dizer, que V. está com óculos; e em seguida viu-se perfeitamente Gifford tirá-los do rosto. — (L.).

## As tentativas aéreas

Uma novela que fica sem entredo

NOVA YORK, 9. — O inquérito ordenado pelo governo norte-americano às causas que destruíram o hidro-aeroplano *Santa Maria*, tripulado pelo aviador italiano De Pinedo, demonstrou que a destruição do aparelho não foi devida a um atentado anti-fascista. Um rapaz de 17 anos, Thomason, declarou muito perscrutando às autoridades: — Acendi um cigarro e atirei com o ósforo para a água, que levantou imediatamente grandes chamas, em virtude do combustível que se encontrava à sua superfície, as quais atingiram o aparelho e o destruíram. — (L.).

ROMA, 9. — O ministério da Aeronáutica publica um relatório telegráfico acerca da última etapa e do incêndio do hidro-aeroplano *Santa Maria* que refere as dificuldades encontradas no meio da travessia da montanha e do lago Roosvel.

Quanto ao incêndio atribui-o à imprevidência dum barqueiro americano de 17 anos de nome Thomson. — (L.).

## Do Pinedo morreu

NOVA YORK, 9. — O hidro-aeroplano oferecido pelos Estados Unidos, em que De Pinedo fazia a viagem de Phoenix (Arizona) para San Diego, incendiou-se no meio do caminho, morrendo o aviador e os seus companheiros. — (L.).

## Do Pinedo não morreu

NOVA YORK, 9. — Quando De Pinedo fazia a viagem de Phoenix (Arizona) para San Diego, num hidro-aeroplano oferecido pelo governo dos Estados Unidos, manifestou-se incêndio no aparelho, conseguindo o aviador e os seus companheiros extinguí-lo. As primeiras notícias chegadas a Nova York eram bastante pessimistas, dando mesmo a morte de Pinedo e dos restantes tripulantes do hidro-aeroplano. — (L.).

PARIS, 9. — O capitão Saint Rom, o tenente Moumey e o engenheiro Mathias chegaram esta manhã em hidro-aeroplano a Saint Raphael, etapa do seu raid França-América do Sul. — (L.).

## Lições aos pacifistas

## Impossível desarmamento

GENEVA, 9. — A comissão preparatória da conferência do desarmamento pronunciou-se contra a proposta francesa do limite das despesas militares.

O cheque sofrido pela proposta francesa foi devido à oposição da Inglaterra, Japão e Itália. — (L.).

## Uma guerra que não acaba

MADRID, 9. — Entrevistado, o general Primo de Rivera disse que dentro em pouco se realizariam em Marrocos operações de grande envergadura contra os rebeldes, ficando as tropas espanholas em contacto com as francesas. — (L.).

## Platonismo belicoso

GENEVA, 9. — Respondendo ao delegado alemão sr. Berenstorff, que propunha o nivelamento dos efectivos, o sr. Paul Boncour recordou o tratado de Versaillais todos os seus signatários a proceder à limitação dos seus armamentos. O nivelamento não resolveria, aliás — concluiu — o problema de maneira equitativa, base da segurança dos estados.

O sr. Berenstorff ripostou ser irre realizável a segurança mundial se a Alemanha permanecer completamente desarmada. Foi depois deste debate que se procedeu à votação da fese francesa cujo resultado é já conhecido. — (Lusitânia).

## A política económica burguesa

## A finança francesa

PARIS, 9. — O sr. Poincaré, respondendo na câmara dos deputados, a uma interpegação sobre a protecção ao crédito económico fez ressaltar as dificuldades de organização do controlo e declarou que o exame mandado fazer pelo governo à escrita de todos os grandes estabelecimentos que efectuavam operações de câmbio, não havia revelado quaisquer irregularidades. O chefe do governo sustentou depois a opinião de que deve ser interdita a profissão de banqueiro às pessoas dependentes do Estado. A câmara aprovou em seguida a ordem do dia pura e simples. — (L.).

## Contra as alfândegas

PARIS, 9. — Na sua conferência efectuada na câmara do comércio de Berlim o sr. Loncheur indicou como único remédio para combater a má situação económica da Europa a união das alfândegas da Europa permitindo a circulação livre das mercadorias do continente e paralelamente uma organização internacional de indústria para suprimir os inconvenientes das fronteiras económicas. — (L.).

## Os soviets procuram dinheiro

MOSCÓVIA, 9. — O governo resolveu emitir um terceiro empréstimo de 25.000 milhões de rublos. O banco central agrário concorre para a operação com cinco por cento milhões de rublos. — (L.).

## Ameaças belicosas

ROMA, 9. — A legação da república albanesa desmente a notícia de um correspondente inglês acerca de um fantástico embarque na Albânia de 30.000 soldados italianos vestidos à paisana bem como de material de guerra proveniente da Itália. — (L.).

## Em poucas linhas

## Um terrível incêndio num Arsenal

LONDRES, 9. — Um misterioso incêndio, o segundo que se declara dentro dos últimos dez dias, rebentou esta noite no arsenal de Woolwich, a 14 quilómetros de Londres e na margem direita do Tamisa, pouco antes das 18,30.

Foi chamada uma brigada de bombeiros, sobre a qual os portões foram imediatamente encerrados e fechados à chave, o que levantou grandes discussões entre a enorme multidão que se aglomerava em torno do arsenal.

Todas as informações solicitadas aos portões por numerosos repórteres, têm sido recusadas, o que origina os mais desconcertados boatos.

Afirma-se que o incêndio de hoje é o quarto de uma série ocorrida em doze meses. — (L.).

BERLIM, 9. — O Reichstag aprovou a lei ratificando a regulamentação do dia de trabalho, adiando seguidamente os seus trabalhos para 10 de Maio próximo. — (L.).

LONDRES, 9. — Consta que o presidente Chile, sr. Figueroa se havia retirado provisoriamente em consequência de incidente pessoal à vida particular. — (L.).

LONDRES, 9. — A conferência industrial italo-britânica encerrou ontem os seus trabalhos aprovando uma moção acerca da nomenclatura e classificação de mercadorias. O presidente da delegação inglesa exprimi a sua grande satisfação pelo desenvolvimento da indústria italiana por cuja intensificação faz votos. — (L.).

LONDRES, 9. — Foi ontem à noite assaltado o palacete do milionário Georges Raper tendo sido roubado dois colares de perolas avaliados em 20 mil libras, anéis com diamantes e uma elevadíssima soma em dinheiro. — (L.).

BERLIM, 9. — Declarou-se a epidemia do sôno na Herzegovina, tendo atacado inúmeras pessoas. — (L.).

## CARTA DE COIMBRA

Ainda o Andrézinho  
das calças brancas

COIMBRA, 8. — As correspondências desta cidade, publicadas em «A Batalha» têm despertado aqui o máximo interesse, tendo-se por esta razão, esgotado completamente os exemplares. Encontra-se, e com razão, a população desta cidade possuída de grande indignação pelo facto do demente André Dias da Silva, mais vulgarmente conhecido pelos epítetos de *André dos Passarinhos*, *Andrézinho das Calças Brancas* e *André dos Guisos* ou das *Campalhas* — mais recentemente — não ter sido ainda internado numa Casa de Saúde, verificando todos uma maneira bastante violenta o procedimento das autoridades locais, não se importando com este caso, deixando assim, à mercê do louco, que é *André das Calças Brancas*, uma população ordeira e que amanhã não poderá ser responsável por qualquer desastre de que o demente André seja vítima.

Somos informados de mais outra violência do já ridículo *André das calças brancas*. Eis o caso: Um operário digno e honesto fabricante de estatuetas, tendo-se ausentado desta cidade, por necessidades da sua vida íntima, foi procurado em sua casa, por ordem do demente a que nos temos referido, para ser levado ao comissariado a fim de prestar declarações.

Como não o encontrassem foi passada uma busca a casa, não tendo sido encontrado nada de suspeito. Retiraram depois de ameaçarem a mulher por não saber indicar o paradeiro do marido. Isto foi já há umas duas semanas.

Hoje, não satisfeitos com a primeira, fizeram nova busca em casa daquele operário, sem que lhe ou a mulher estivessem presentes. Apenas se encontrava lá uma pequenita duns oito anos, a quem interrogaram.

Já há tempos este maluco fez uma proeza igual em casa dum outro operário preso, sem que disto as autoridades tenham conhecimento.

Mais uma outra aventura, de que ele foi protagonista e em que ele desta vez, se vai ver em calças pardas.

Foi o seguinte: Logo a seguir ao movimento revolucionário de Fevereiro último, o *André* julgando-se, ou querendo armar em Scherlok-Holmes, dirigiu-se ao Comissário sr. capitão Cruz e informou-o de que sabia onde se encontrava o tenente sr. Rocha Dantas, que tomou a chefia das tropas na Figueira da Foz e ao ver que de Coimbra marchavam tropas, com o fim de prender a coluna que comandava se conseguiu raspar e esconder-se.

O sr. Comissário, confiando plenamente nas palavras do *Andrézinho*, pôs-lhe à disposição 2 agentes para o auxiliarem nas diligências. Partiu o nesso *André* acompanhado pelos agentes para a vizinhança de Soure, onde julgava encontrar-se o sr. tenente Rocha Dantas. Lá, dirigiu-se o demente a uma mercearia e, comprando uma folha de papel e envelope, escreveu uma carta dirigida ao dr. sr. Madeira — médico naquela vila — pouco mais ou menos nestes termos:

«Meu prezado amigo: «E' portador desta o meu amigo F. — e aqui pôs um nome qualquer — que vai a essa vila de meu mandado para falar com o nosso comum amigo Rocha Dantas, para tratar com ele de assuntos políticos. Rogo-te, portanto, o favor de lhe indicares a morada.

«Teu amigo — *Floro Henriques*» falsificando desta maneira a assinatura deste senhor.

Dirigiu-se, depois, à residência do dr. Madeira, a quem entregou a carta que havia instantes escrevera. Depois de haver lido a carta, disse-lhe este senhor que não sabia onde se encontrava o sr. Dantas, mas — ficasse desancado — iria fazer os possíveis por sabê-lo e que viesse dali a dias procurá-lo para lhe dar conta do que sabia acerca do paradeiro daquele senhor.

Viu o *André* para Coimbra e o dr. Madeira escreveu nesse mesmo dia ao sr. Floro Henriques, dizendo que recebera a sua carta e que ia tratar de saber onde se encontrava o sr. Rocha Dantas. O sr. Floro Henriques ficou bastante admirado e intrigado com esta carta e escreveu imediatamente ao dr. Madeira, a dizer-lhe que não havia escrito carta alguma e que ele, dr., havia sido ludibriado por alguém que, falsificando a sua assinatura, quis saber da morada do sr. Dantas.

Pelo Delegado do Ministério Público, foi instaurado um processo ao mentecapto *André*, por ser falsificador de assinaturas.

Por estes dias, deve, segundo informações fidedignas, ser o *André das Calças Brancas* pronunciado.

Sendo assim, é este maluco — tarado da pior espécie — suspenso dum lugar que ocupa nesta cidade, não obstante ser incapaz do seu desempenho conveniente, em virtude das faculdades mentais o não permitir.

Oxalá que desta vez ao *André das Calças Brancas* seja dado o destino que merece e que não possa mais daqui por diante abusar da paciência da gente de Coimbra, vestindo-se de polícia e de oficial do exército, enovilhando o bom nome destas duas corporações. — C.

## La verdad sobre Jesus

por HAN RYNER

Conferência — controversia, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das «Societés Savantes» de Paris. — Tradução espanhola de Elizalde com um desenho na capa de Shum. — Preço 1500. — A' venda na administração de A Batalha.

PARIS, 9. — A comissão de guerra da câmara dos deputados deu parecer favorável por dez votos contra dois ao projecto de lei da reorganização do exército. — (L.).

BERLIM, 9. — O sr. Lotze presidente do «Reichstag» pediu a demissão em consequência do seu estado de saúde. — (L.).

BUCAREST, 9. — O último boletim médico diz ser satisfatório relativamente o estado do rei Fernando, recuperando as forças lentamente.

## Sobre organização

## A organização operária

Depois que no Congresso corporativo de Limoges, em 1895, a classe operária francesa criou uma organização autónoma, independente de todos os partidos democráticos, manifestou constantemente tendência para se libertar de todas as tutelas; quer do Estado, quer das municipalidades.

E' que a classe operária não está disposta a adaptar-se à sociedade capitalista, de se encerrar no sistema actual de produção, para se desenvolver a favor dos seus interesses. Tem vistas mais largas — deseja uma transformação social — e são essas aspirações revolucionárias que a levaram a constituir-se em partido de classe, opondo-se a todos os outros partidos, a todas as outras classes. Deste modo, a classe operária, além da sua forma de organização, pela qual pretende lutar dia a dia contra as forças de exploração e opressão, pretende também organizar e robustecer agrupamentos aptos para levar a cabo a expropriação capitalista, e capazes de proceder a uma reorganização social sobre um plano comunista (\*).

O organismo confederal é essencialmente federalista. Baseia-se no Sindicato — que é um agrupamento de trabalhadores; depois há a Federação de Sindicatos e a União de Sindicatos, que são aglomerados de sindicatos; finalmente, a Confederação Geral do Trabalho, que é um aglomerado de Federações e Unões de Sindicatos.

Em cada aglomerado, a autonomia é completa: as Federações e Unões de Sindicatos são autónomas na Confederação; os sindicatos são autónomos nas Federações e Unões; os trabalhadores são autónomos nos Sindicatos.

Esta coordenação das forças operárias fez-se naturalmente, logicamente, como todas as manifestações da vida e não arbitrariamente, segundo um programa anteriormente elaborado. Organizou-se partindo do simples para o composto: constituiram-se primeiramente os sindicatos; depois, quando a necessidade de agrupamentos mais complexos se fez sentir, apareceram as Federações e Unões de Sindicatos; finalmente, na hora propícia, criou-se a Confederação.

Emile POUGET.

(\*) Interpretado no sentido libertário.

## Com os cadastrados

## vão seguir para Africa alguns operários honestos

A forma arbitrária como se têm feito prisões de indivíduos, cujos nomes figuram no Pôsto Antropométrico do Governo Civil, deu motivo a que fossem envolvidos alguns operários honestos com criaturas de porte moral duvidoso.

Já tivemos ocasião de examinar essa medida, fazendo o confronto entre os indivíduos sclerados por condição ingênita e aqueles que, por vingança da polícia, têm um largo cadastro.

Para mostrarmos a razão das nossas considerações de ontem vamos contar um caso.

Entre os indivíduos detidos e com ordem de seguir para Timor encontra-se o operário polido de moveis Alberto Silva. E' o único amparo de sua mãe, de sua companheira e filha d'infância. Sempre trabalhou como o podem testemunhar os industriais de polido.

Este operário foi preso uma única vez e julgado e absolvido no tribunal por falta de provas. Pois agora a polícia foi prender Alberto Silva por cadastrado e dispõe-se a mandá-lo para Timor.

Não será isto uma violência? Não representa esta medida uma monstruosidade? Há outros operários em iguais circunstâncias. João da Cruz Oliveira, pedreiro, Joaquim Pê Junior, metalúrgico, encontram-se nas mesmas condições.

Não será uma barbaridade mandar estes homens para Africa?

Então o Governo Civil continua a sobrepôr-se ao poder judicial?

Um incêndio em que pere-  
teram duas pessoas

Pouco depois das 18,30, declarou-se um violento incêndio no prédio da rua do Aieirim que tem o n.º 111, no cubículo que servia de residência ao guarda-portão do edificio, Abel Couto, que ali residia com sua mulher, Margarida Rosa, de 30 anos e seus filhos, Arminda e Manoela, respectivamente de 2 e 9 anos.

Deu causa ao sinistro, segundo um minucioso exame, feito pelos bombeiros, a explosão dum fogareiro de petróleo que a Margarida estava preparando. Quando esta corria para a cama para salvar a sua filha Arminda, a porta do cubículo fechou-se, ficando ali asfixiadas pelo fumo que era imenso, tendo-lhes as chamas atingido o vestuário. Quando os bombeiros, depois de muito trabalho ali chegaram, eram já cadáveres.

No Largo Barão de Quintela, próximo do prédio onde o fogo se manifestou, estão instalados os Bombeiros Voluntários de Lisboa, onde foram vários populares participar o sinistro, mas, como aquela corporação tem as viaturas desmontadas, o bombeiro que ali estava de serviço limitou-se a participar a ocorrência para os Bombeiros Municipais, tendo comparecido pessoal e material dos quartéis 1, 3, 4, 7, 8 e 10, Voluntários lisboenses e de Ajuda, que arvoraram aos andares superiores vários lanços de escada e uma «magnum», por onde desceram alguns dos inquilinos do prédio.

Finalmente 20 minutos depois o fogo era dominado, tendo, pouco depois, comparecido o sub-delegado de saúde que verificou os óbitos, ficando de guarda o civico 991, da 1.ª esquadra.

A propriedade pertence a José Nunes dos Santos, tendo ficado carbonizado o cubículo, tetos e paredes do patim da escada.

## "Arquitectura"

Revista mensal, acaba de sair o n.º 3. A' venda na administração de A Batalha. Preço 3\$00, pelo correio 3\$60.

## CONSELHO SUPERIOR DE ECONOMIA

O decano dos matutinos do norte, ao descrever, com a sua autoridade patriarcal e proverbial cautela, a sua dúvida aceitável sobre se o novo Conselho Superior da Economia Nacional virá a degenerar num retórico *Club de Sócios da Escola Negativista*, tornando-se, portanto, odiosas as nascentes iniciais C. S. E. N. — faz a perentória afirmação de que, «por falta de inquirições industriais, desconhece-se a situação da grande e pequena indústria em Portugal, ignoram-se os efeitos da integração dela; as condições sociais do operariado...»

Sublinhamos, propositadamente, a última asserção, porque, se não podemos contestar, por ainda ser cedo, que o C. S. E. N. venha a criar um *Club de Sócios da Escola Negativista* como o C. R. P. (Congresso da República Portuguesa) se espalhou ignominiosamente num *Club de Regalões Públicos*; se não estamos autorizados a refutar que, por falta de inteligentes inquirições, se não conhece conscientemente a situação da grande e pequena indústria portuguesa — outro tanto não podemos dizer quanto às condições sociais do operariado.

Acêrca do afilitivo viver das despesas das classes trabalhadoras; a respeito das tristíssimas condições económicas sociais em que vegeta o proletariado do nosso país, das suas causas e dos seus efeitos de negrume esfomeadores, há preciosos e esclarecidos documentos aturadamente elaborados pelos organismos representativos da falange produtora.

De um modo verdadeiramente específico, pelos sindicatos de cada indústria, e dum maneira geral, pelo mais elevado corpo representativo dos trabalhadores escarnecidos aqueles documentos, fruto de um estudo exaustivamente feito, têm sido bem patentes, tanto aos olhos desdenhadores dos homens de Estado como à vista escarnecedora e, por vezes, insolente do nosso pretencioso patronato...

Até mesmo este órgão jornalístico do proletariado português tem, em modesto empolamento literário mas com clara argumentação de conhecimentos irresponsáveis, publicado importantes trabalhos sobre a matéria, infelizmente sempre em causa arripiante!

Que a C. P. (Confederação Patronal), — cujas iniciais podem, segundo a escola finalmente irónica do veterano diário do norte, com mais propriedade significar *Club de Patifes*, visto os seus fins serem a absoluta escravização do operariado — que a C. P. não tenha nada feito de sólida utilidade para as investigações da situação da grande e pequena indústria em Portugal, não é muito para admirar, sabido como está que a sua predilecta, mas precipitada, ocupação consiste em aperfeiçoar a melhor maneira de arrancar ao esforço dos *calçetas* das oficinas e fábricas a maior soma de felicidade possível... oprimindo-os a mais não poder ser...

Do mesmo erro não se pode, criteriosamente, acusar a C. G. T. (Confederação Geral do Trabalho), em cujas iniciais, pertencendo a um organismo concatenador das aspirações dos que trabalham suarentamente para o bem da colectividade, e propugnador de um estado social em que o produto do trabalho seja colocado no usufruto de todo o ser humano laborioso — jámais se pode ler *Club de Grandíssimos Tratantes*, como nas iniciais U. I. E. (a tal União dos Interesses Económicos) se pode decifrar a chgrada sinistra de uma colectividade de *Únicos Intrujões Estridentes*, isto em homenagem de sentida gratidão

àquelas suas célebres, extraordinárias e ruidosas assembleias gerais, onde, unciosamente rosados, se colarejam regateadíssimos interesses de harpia desencontrados...

Não se conhecem as condições sociais do operariado, porque disso não têm deixado tomar a devida nota pelos que, embora componentes das chamadas classes superiores, porventura ainda existam de boa-fé, e não porque não hajam elementos eloquentemente fornecidos pelos próprios trabalhadores.

Conquanto muito atidos aos preceitos religiosos de Roma papalina, entre os detentores da riqueza lusitana, há uma raça de indivíduos de soberbos privilégios que demonstra, pelos seus actos, não desconhecer o irânico *bundehechismo*.

Assim, sabendo que os órgãos dos sentidos, correspondentes ao poder da alma, «estão colocados no corpo à maneira de janelas», e que os seus nervos estão «dispostos como caminhos ou estradas» — essa raça ambiciosa e invejosa tem, furtivamente, assomado às janelas e rasgado, entre os seus dedos nervosos, os depósitos elucidativos, os libelos acusatórios de toda a miserável existência das populações do Trabalho Honesto e subjugado — lançando, ao lixo dos caminhos, à lama das estradas, todos os dados positivos feitos em fragmentária destruição!

Como esses órgãos-janelas e esses nervos estradas servem, aqueles para receber as impressões externas e os últimos para transmitir ao seu senhor, isto é, à alma — a carta de opressores têm, com o atrancamento das janelas e com a obstrução das estradas, impedido as impressões e as transmissões à consciência humana de tudo quanto há de mau nas classes pobres.

Desta maneira, ao contrário do prescrito nas modernas doutrinas da religião nova de Mazdayasna social, a consciência, em lugar de ser para a alma moral das sociedades «o que a lampada de noite, e o sol, de dia, são para o homem», protegendo-a contra o mal e iluminando-a para a livrar de danos — é antes para ela o que a perigosa escuridão, em terra, e o denso nevoeiro, no mar, são para o navio e para o viandante: arrasta-o para o precipício dos barrancos da Miséria inconcebível, leva-o para cima dos escolhos das mais crueis dores humanas...

O juízo, assim deturpado, em vez de dar «a facilidade de distinguir o justo do injusto, de adquirir bens terrenos e de os empregar na salvação da alma»... justa, equitativa, fraternal, feliz dos povos organizados em humano convívio — fornece o antagonismo, a maldade, a usurpação violenta da felicidade geral e tranqüilidade, precipitando-se a alma na perdição infernalmente dançante do extermínio dos homens e das coisas... A alma do respeito mútuo pelo semelhante, deixa de ser a «faculdade de pensar e de escolher entre o bem e o mal» — tornando-se irreflexiva, perversa, loucamente furiosa...

Sim, o decano dos matutinos do norte pode ter razão quanto à parte relativa dos inquéritos industriais abandonados pelos meios oficiais do Estado e particulares dos patrões. Quanto às entidades humildes de proletariado, isso um pouco mais de vagar... se nos der licença... As condições sociais dos trabalhadores são um tanto conhecidas, mas faz conta não tomar delas a devida consideração...

Diógenes de Sinope

## COMPANHIA PORTUGUESA

## NAS OFICINAS GERAIS

São tantos os actos violentos relatados neste jornal e cometidos pelos dirigentes das oficinas dos ferroviários da Companhia Portuguesa, em Santa Apolónia, que todos eles juntos formariam um volumoso romance a que se poderia intitular: «A odisséia dum punhado de trabalhadores, subjugados a uma tirania sem limites».

Todas as semanas, pode dizer-se, há casos a citar, onde o arbitrio impéra sobrelevando tudo, até a própria defeza dos atingidos.

A esta redacção chegam-nos os seguintes informes a confirmar o que acima digemos: Estando um operário, Antonio Carrão, a preparar uma peça de ferramenta para serviço da companhia num destes últimos dias, às 12,30 — horas do descanso — e tendo um dos guardas em serviço na respectiva oficina participado o caso, foi o referido operário despedido sem atenção alguma pela alegação, apresentada de que estava trabalhando para a empresa.

Esta atitude traduz uma vingança apenas, pois que tendo sido arrombado abusivamente o banco onde o referido operário trabalhava durante a sua ausência, a ver se descobriam qualquer coisa que o podesse comprometer, encontraram unicamente umas cotas do Montepio Ferroviário e ante este grande delito, de ser associado nesta colectividade, conjuntamente ao facto de estar aplicando a hora do descanso a produzir para a Companhia — e aqui procedia o operário em questão muito mal — resolveu mandá-lo.

E desta forma vão gozando os dirigentes da C. P. enquanto as suas vítimas sofrem as inclemências duma situação vexatória e de miséria.

## Sobre um incidente

No artigo sobre a Figueira da Foz, Adolfo Freitas fazia algumas referências menos primorosas a Alves de Freitas, actualmente naquela cidade. Sentindo-se ferido com essas referências, este camarada escreve-nos uma longa carta afirmando-nos que hoje, como ontem, mantém a mesma orientação e a mesma linha de conduta moral.

Crêmos que só uma informação errada poderia motivar a suspeição de Adolfo Freitas — e nunca afirmação, porque não houve — do desvio de Alves de Freitas, que continua a merecer de todos os trabalhadores a mesma consideração.

Com esta explicação fica liquidado o incidente, não havendo motivos para ressentimentos de qualquer dos dois camaradas.

## — ASSINEM —

## Os Mistérios do Povo

no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE